



# A EMERGÊNCIA DA CRIATIVIDADE E DAS TÁTICAS NO/DO COTIDIANO ESCOLAR COMO POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO(?): UMA ABORDAGEM A PARTIR DA NOÇÃO DE CORPO DÓCIL DE MICHEL FOUCAULT

Carlos Roberto Miranda Martins\*

Marcos Antônio dos Santos Reigota\*\*

**Resumo** – Neste artigo, buscou-se problematizar, em primeiro plano, o sentido da escola e seus vínculos com a ocorrência da criatividade e das táticas que movimentam os corpos no/do cotidiano escolar. Não nos esqueçamos, contudo, que esses movimentos carregam influência e influem nas trocas que acontecem *extramuros* da escola, como, por exemplo, as negociações, propostas, regulamentos, leis etc. oriundos do poder público. Buscamos, ainda, problematizar e questionar, por meio de duas narrativas, o surgimento de ações táticas e criativas, bem como a eliminação dessas ações pela instituição escolar. Narra-se aqui, sucintamente, o aparecimento e a manipulação de corpos dóceis que povoam os cotidianos escolares, mas não estão presos a ele.

**Palavras-chave:** táticas, criatividade, cotidiano escolar, corpo dócil, narrativa.

## INTRODUÇÃO

Os muros da escola são a representação física da delimitação da passagem para outro espaço/tempo o qual, porém, recebe influências de fora, *extramuros*. O interno se torna externo a partir do momento em que outras redes cotidianas de relação são encarnadas no cotidiano escolar. A televisão, o vídeo game, o celular, as políticas públicas, as tragédias, as relações familiares adentram o espaço escolar de maneira que seus praticantes interferem e sofrem interferências nas dinâmicas que constituem e atravessam aquilo que chamamos de ambiente.

A família, os amigos, a rua, a vida noturna, a escola, todos os processos de aprendizagem que perfazem nossas vivências, porque aprendemos as coisas que nos são ensinadas e também as

---

\* Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Licenciado em Geografia pela Faculdade de Ciências Humanas do Sul Paulista. Professor de Geografia do estado de São Paulo.

\*\* Pós-doutor pela Universidade de Genebra (Suíça). Doutor pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso.

que não são. São essas incessantes construções que repercutem em nossas vidas. Tais processos de aprendizagem, construídos por meio das trocas/relações humanas, atravessam a escola.

É dentro desta perspectiva, da relação entre os elementos que existem *extramuros* escolares e os que ocorrem nos limites da instituição escolar, que trabalharemos a relação criatividade, táticas e corpos dóceis.

Vale enfatizar que utilizamos, como subsídio para este trabalho, narrativas de dois alunos com idades e instituições escolares diferentes, porque nos interessa, também, nos aproximar ao máximo da esteira cotidiana daqueles que motivam as nossas indagações. E mais, com a ajuda de Nilda Alves (2001, p. 32), esclarecemos:

É preciso, pois que eu incorpore a ideia que ao narrar uma história, eu a faço e sou um *narrador praticante* ao traçar/trançar as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até mim, neles inseridos, sempre, o fio do meu modo de contar. Exerço, assim, a *arte de contar histórias*, tão importante para quem vive o cotidiano do *aprender/ensinar*. Busco acrescentar ao grande prazer de contar histórias, o também prazeroso ato de pertinência do que é científico. É possível?.

## TÁTICAS NO/DO COTIDIANO ESCOLAR

Como diria Certeau (1990, p. 101), "em suma, a tática é a arte do fraco". Entendemos, neste artigo, a táticas como a arte dos corpos dóceis no/do cotidiano escolar.

Inês Barbosa de Oliveira (2001, p. 39), estudando as fotografias de Robert Doisneau nas quais retrata algumas situações de brincadeira entre crianças num ambiente urbano, comenta:

O quanto nossas crianças (e as dele, Doisneau) estão aprendendo através de suas brincadeiras cotidianas, que nunca lhes foram ensinadas, mas que evidenciam não só o conhecimento e a produção de regras e de jogos, mas também um conhecimento dos modelos de comportamentos dos diversos grupos sociais. Isso poderia não passar de um lugar comum – "a vida ensina" – se nos limitássemos a reconhecer que, para além do saber científico – formal, organizado – existem saberes que são aprendidos com e na vida. Porém, considerando os processos de aprendizagem como processos de tessitura de redes de saberes, podemos tecer outras ideias a respeito deles: a de que aquilo que a vida cotidiana ensina e aquilo que a escola ensina formam elementos articulados e indissociáveis de um mesmo todo, a formação de nossas identidades, individuais coletivas.

O cotidiano escolar feito de histórias, acontecimentos, saberes, vivências, propiciados pelos seus sujeitos, torna-se epicentro de diversas táticas oriundas desses sujeitos para que, de alguma forma, consigam vivê-lo.

A ocupação do espaço/tempo no/do cotidiano escolar pelos seus praticantes se torna complexa quando se deparam com as propostas originadas pelo poder hegemônico.

Nesse sentido, as políticas educacionais, ao se imporem sobre o cotidiano e seus sujeitos, produzem embates e conflitos tornando mais complexas as relações. Segundo Nilda Alves e Regina Leite Garcia (2000, p. 15),

[...] podemos nada ver, ouvir, cheirar, tocar, pois nossos sentidos também foram "educados" para só ver, ouvir, reconhecer cheiros e sabores, aquilo que interessa aos poderosos. Não aprendemos a reconhecer as dobras e menos ainda aprendemos a desdobrá-las, descobrindo o que está encoberto.

As táticas surgem como uma espécie de oásis escondido em meio ao deserto tornando possíveis os recomeços, a tomada de fôlego para um novo começo, a ultrapassagem das barreiras produzidas pelo poder do Estado. Nele e por ele as alternativas são ilimitadas para redesenhar o cotidiano. Sobre isso comenta Inês Barbosa de Oliveira (2001, p. 46):

As maneiras de fazer, estilos de ação dos sujeitos reais, obedecem a outras regras que não da produção e do consumo oficiais, criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e indiferentes, dando origem a novas maneiras de utilizar a ordem imposta. Para além do consumo puro e simples, os praticantes desenvolvem ações, fabricam formas alternativas de uso, tornando-se produtores/autores, disseminando alternativas, manipulando, ao seu modo, os produtos e as regras, mesmo que de modo invisível e marginal.

Na concepção do poder de Estado, na escola, para que as "coisas" aconteçam de forma disciplinar e os praticantes não desatem o nó da rede "instituição escolar", os movimentos devem ser precisos e predeterminados. Se não fosse assim, a escola, única, se tornaria um local incontrolável, indesejado pelo sistema controlador. Seria o fim? Um novo início?

Um local de conflitos diversos de troca, de relações, reflexões e complexidade, para que funcione em proveito do poder de Estado deve ser contido, aprisionado, controlado. Exige-se disciplina, uso de gestos e sinais, combinação de resultados e de relações visando à eficiência. Um pequeno sinal de desobediência, de indisciplina deve ser de pronto informado, cessado. Assim, o sistema se mantém. Diz Foucault (2001, p. 140):

Toda a atividade do indivíduo disciplinar deve ser repartida e sustentada por injunções cuja eficiência repousa na brevidade e na sua clareza; a ordem não tem que ser explicada, nem mesmo formulada; é necessário e suficiente que provoque o comportamento desejado. Do mestre de disciplina àquele que lhe é sujeito, a relação é de sinalização: o que importa não é compreender a injunção, mas perceber o sinal, reagir logo a ele, de acordo com um

código mais ou menos artificial estabelecido previamente [...] O treinamento das escolares deve ser feito da mesma maneira; poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais – sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre, ou ainda aquele pequeno aparelho de madeira que os "Irmão das Escolas Cristãs" usavam; era chamado por excelência o "Sinal" e devia significar em sua brevidade maquinal ao mesmo tempo a técnica do comando e a moral da obediência.

Analisando os comentários de Foucault, e sabendo que foram feitos em função de uma reflexão sobre o disciplinamento/obediência dos sujeitos no decorrer da história, pensamos no papel da escola e na importância de destacar o cotidiano escolar na sua implicação com as práticas democráticas. É dali que as liberdades teriam de surgir. Vemos, no entanto, uma instituição que conduz o indivíduo para a inclusão em um mundo proposto pela desigualdade, pelo consumo exacerbado e pelos conflitos culturais.

A democracia não é apenas um sistema político ou uma forma de organização do Estado. Uma sociedade democrática não é, portanto, aquela na qual os governantes são eleitos pelo povo. A democracia pressupõe uma possibilidade de participação do conjunto dos membros que da sociedade em todos os processos decisórios que dizem respeito à sua vida cotidiana, sejam eles vinculados ao poder do Estado ou a processos interativos cotidianos, ou seja, em casa, na escola, no bairro etc. (OLIVEIRA, 2001, p. 11).

Certo dia (durante andanças e pesquisas), solicitamos aos alunos de um sexto ano do ensino fundamental que relatassem, num papel, o dia a dia deles na escola. Um dos alunos escreveu uma redação com o título "Minha vida na escola" e relatou o seguinte:

Bom, a minha vida na escola é simples. Quando eu chego na escola eu brinco com meus amigos de "bater bafo" (bater figurinhas). Eu ganho várias brincando disso. Eu coleciono a maioria delas. Quando bate o sinal para entrar eu entro, sento no meu lugar e pego o material da aula que vai começar. Copio tudo o que tem de copiar. Depois de acabar a aula eu pego o material da outra aula que vai começar. Copio tudo o que está na lousa. Depois bate o sinal do recreio. Eu saio, almoço, bebo água, vou ao banheiro e vou "bater bafo" e ganhar figurinhas. Bate o sinal para entrar na sala de aula. Faço o que tem de fazer nas próximas aulas. Bate o sinal para ir embora e eu vou conversando com os amigos (aluno do 6º ano do ensino fundamental).

O corpo dócil é sobremaneira necessário para que o sistema se mantenha (FOUCAULT, 2001). A docilidade tão necessária para que as relações humanas não ultrapassem fronteiras desconhecidas pelos praticantes escolares. O aluno como fiel produto e cooperador da intervenção estatal na escola.

Os professores, peças fundamentais e mecanismos manipuláveis das tecnologias de controle. Olhares. Corpos dóceis controlando e produzindo corpos dóceis.

Como numa fábrica, todos sob controle. Supervisores, operários, gerente, proprietário. Corpos dóceis. Alguém sempre olhando, conferindo, verificando, anotando a presença ou não. Coibindo transgressões, punindo os negligentes. As regras são claras. Um simples ato de transgressão indica uma falta grave, pois não deve ocorrer. O errado, o proibido deve ficar do lado de fora. O ambiente tem de permanecer tranquilo e respeitoso.

O ponto na fábrica, assim como a chamada na escola indicam o início de uma nova jurisdição. O corpo pertence a um sistema. A produção não pode parar. As propostas devem ser cumpridas o mais rápido possível. Qualquer tempo perdido põe em risco a produção, ameaça o patrão. O intelecto não pode agir criticamente. É arriscado para o processo institucional. Ao longo dessas reflexões, lembramos dos escritos de Nadja Hermann (2002, p. 95):

A educação é, por excelência, o lugar do diálogo, portanto o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos para nos conduzir à formação pessoal. Desde que podemos dizer a palavra, estamos em constante conversação com o mundo, instaurando a própria possibilidade de educar. [...] Deixar os que se educam dizer a palavra (a palavra da ciência, do ético, do estético, da dor, da poesia) é radicalizar a idéia de que o homem possui linguagem. A abertura de horizonte que o diálogo possibilita permite à educação fazer valer a polissemia dos discursos e criar um espaço de compreensão mútua entre os envolvidos.

A radicalização da palavra por meio da ética, da poesia, da dor, da ciência, da estética, do inusitado, da criatividade, do erro, do errado, da injustiça e da justiça, seria talvez um caminho possível para a radicalização do ensino se a palavra não fosse podada pelo poder instituído no ambiente escolar.

## **CRIATIVIDADE E COTIDIANO ESCOLAR**

Criatividade, cotidiano escolar. Quão belos termos que impressionam, de importância múltipla no cotidiano escolar. Palavras que realçam as pinturas elencadas pelas políticas governamentais. Criatividade e cotidiano escolar. Termos cujas funções entram e são entravadas pelo controle. Pela usurpação dos corpos.

Contou-nos o pai de um aluno de oito anos: "Certo dia, meu filho chegou cabisbaixo da escola, reclamando que havia sido repreendido pela professora durante a aula na frente dos amigos".

Relatou o filho: "Pai, hoje a professora pediu que a gente fizesse um texto e que escrevesse com muita criatividade. No texto não coloquei nenhum ponto final e sempre começava os parágrafos do jeito que eu queria; sem os espaços iniciais".

Continuou o pai: "Comecei a dar risada e expliquei que os pontos finais deveriam ter sido colocados e os parágrafos deveriam ter suas posições textuais respeitadas. Ele continuou me explicando:

Eu sei disso, mas ela me pediu para ser criativo. Eu fui."

Diante de tais narrativas fizemos a seguinte pergunta: qual o papel da escola?

Não somos daqueles que vivem criticando tudo e todos que da escola fazem parte, até porque também vivemos/convivemos diariamente como professores, cidadãos, pesquisadores no cotidiano escolar. O que colocamos em questão é o sentido da escola. E fazer esses questionamentos é um modo de continuar a tecer nossas relações com o cotidiano escolar.

O que está em jogo nestas questões fica bastante claro na afirmação de Silvio Gallo (2009, p. 126):

A escola é produtora de células sociais, transformando cada indivíduo, cada possibilidade de uma subjetividade singular, numa célula reprodutora da ideologia da máquina de produção. Podemos afirmar, portanto, que mais essencial e mais importante que as atribuições de camuflagem ou justificação/legitimação que a ideologia escolar, sem dúvida, tem é a sua função material, produtora de indivíduos corretamente programados para o perfeito funcionamento social.

Estaria o aluno de oito anos dando uma lição de criatividade para sua professora, já na idade de aposentadoria? Qual o significado de criatividade para ele? Para a escola? Para a sociedade? A professora se expressou mal? Deveria usar outra palavra? Ou a palavra criatividade está perdendo o sentido que deveria ter?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cotidiano escolar. Espaço criado e recriado a cada dia pelas relações entre seus praticantes abre possibilidades para a produção das relações sociais. As histórias apresentadas pelos sujeitos que dele fazem parte são prenes de imaginações e subjetividades que implicam um arcabouço de indagações e práticas complexas. Nele, percebemos suspiros de criatividade, diferentes táticas criadas, improvisadas para sua vivência/sobrevivência. Por meio dessas buscas criativas e táticas, o cotidiano transforma-se em um rico espaço de alternativas para outros olhares em relação às práticas pedagógicas propostas pelo poder público. O cotidiano

escolar é sentido, ouvido, cheirado, tocado e transformado e, dessa maneira, ele também é transformador.

Seria o cotidiano escolar um espaço propício para a arte? O espaço da arte? Não a arte proposta por disciplinas, ou pelas propostas pedagógicas, mas a arte que se faz e define na e pela composição entre elementos: um canto, um jeito de falar, de andar... Espaço da criação sem normas ou regras que sejam alheias ao próprio processo de criação.

## The emergence of creativity and tactics in/from the school routine as possible emancipation(?): an approach based on the notion of docile body of Michel Foucault

**Abstract** – This paper aimed to discuss, in the foreground, the sense of the school and its links with the occurrence of creativity and tactics that move the bodies into/from school everyday. Do not forget, however, that these movements bear influences and influence the exchanges that occur beyond the school walls, for example, negotiations, proposals, regulations, laws etc. from the government. We seek also to question and challenge through two narratives, the emergence of creative tactics and actions, as well as the elimination of these actions by the school. It is narrated here, briefly, the appearance and manipulation of docile bodies that populate the school everyday, but are not bound to it.

**Keywords:** tactics, creativity, everyday school life, docile body, narrative.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes e saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Org.). *A invenção da escola a cada dia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução Efraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1990.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GALLO, S. *Subjetividade, ideologia e educação*. Campinas: Alínea, 2009.

HERMANN, N. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, I. B. *A democracia no cotidiano da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 11-33.